

# EVIDÊNCIAS

Nº 17 | Mai - Ago 2024 | ISSN 2675-1674

 **OBSERVAPICS**

## PRÁTICAS INTEGRATIVAS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

Experiências e evidências mostram como diferentes Pics podem ser associadas aos cuidados em saúde para prevenir ou aliviar sintomas de sofrimento emocional e alguns transtornos.

- **Experiência** | Projeto Saúde e Bem-Viver avança com formação de tutores estaduais
- **Ciência** | Trabalho do Observatório compõe acervo de Museu Nacional da Fitoterapia
- **Integrando Saberes** | Parceria com Fonsanpotma estuda tradições de matriz africana

# PAINEL DO LEITOR

## FORMAÇÃO PRESENCIAL E EAD



*“Sou servidora pública em saúde (fonoaudióloga) no Hospital Universitário. Podem me indicar locais de formação em Pícs presencial ou na modalidade à distância pelo Ministério da Saúde, Fiocruz ou universidade em Florianópolis (SC)?”*

**- Jussara Melo Vieira**

RESPOSTA: Pode entrar em contato com o professor Charles Tesser, do Departamento de Saúde Pública da UFSC, pelo e-mail [charles.tesser@ufsc.br](mailto:charles.tesser@ufsc.br). Ele é parceiro do ObservaPICS e pode te dar as indicações de formação em Florianópolis.

Outra opção são os cursos disponíveis na plataforma AVA SUS do Ministério da Saúde - <https://avasus.ufrn.br/local/avasplugin/cursos/cursos.php>

**Evidências** é o boletim quadrimestral do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (**ObservaPICS**), vinculado à Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS) da Fiocruz. A publicação, voltada a atores do SUS, é digital e pode ser acessada gratuitamente no formato PDF pelo site <https://observapics.fiocruz.br/boletim/>.

É permitida a reprodução do conteúdo divulgado, desde que citada a fonte, sendo proibido o uso para fins comerciais.

Endereço: Instituto Aggeu Magalhães | Fiocruz Pernambuco - Nesc, 4º andar, Sala 8. Av. Professor Moraes Rego, s/n – Campus Recife Cidade Universitária – Recife/PE. CEP: 50.740-465. Telefone: (81) 2101-2580. Website: [observapics.fiocruz.br](https://observapics.fiocruz.br)

Sugestões, comentários e perguntas: [comunica.observapics@fiocruz.br](mailto:comunica.observapics@fiocruz.br)

## EXPEDIENTE

### Coordenação geral

Islândia M. Carvalho de Sousa

### Pesquisadores

André Luiz Dutra Fenner

Inês Nascimento de Carvalho Reis

Mirna Barros Teixeira

Patrícia Pássaro da Silva Toledo

### Produção

Redação e edição

Veronica de Almeida Silva

Jornalista DRT-PE 1933

Fabíola Tavares de Oliveira

Jornalista DRT-PE 2546

Projeto gráfico e diagramação

Bruno Flávio Espíndola Leite

### Apoio técnico

Carine Bianca Ferreira Nied

Gisléa K. Ferreira da Silva

Jaqueline de Cássia N. Velloso

Thays Aquino

### Conselho editorial

Adriana Falangola B. Bezerra

UFPE

Carmem Verônica Abdala

Bireme/Opas/OMS

Charles Dalcanale Tesser

UFSC

Daniel Miele Amado

Ministério da Saúde

Islândia M. Carvalho de Sousa

Fiocruz PE

Nelson Filice de Barros

Unicamp

Paulo Cesar Basta

Ensp/Fiocruz

Vera Lucia Luiza

Ensp/Fiocruz

# É preciso cuidar da mente

**P**ensar em saúde integral significa abordar a totalidade do indivíduo, o que inclui mente, emoções e interação com seu meio social. O sofrimento psíquico e ou emocional está em todas as famílias e grupos em algum momento da vida. Doença ou sintoma de que algo vai mal dentro da gente requer atenção. Tristeza ou desânimo em excesso, insônia, irritabilidade, ansiedade e depressão estão nas nossas rotinas. É preciso se cuidar e cuidar dos outros. E numa proposta integrativa, as PICS dão sua contribuição. Sínteses de evidências feitas a partir de achados científicos apontam resultados positivos de inúmeras práticas, sejam corporais, meditativas e outras.

Este número do Boletim Evidências dedica-se a esse tema, incluindo experiência de quem usa as práticas no SUS. Na mesma temática, revelamos como vem avançando o projeto Saúde e Bem-Viver com estados e municípios.

Na atual edição, o pesquisador Pedro Carlessi conta como os resultados do estudo feito em parceria com o Observapics sobre uso de plantas medicinais no SUS vai integrar o Museu da Fitoterapia na Universidade de São Paulo.

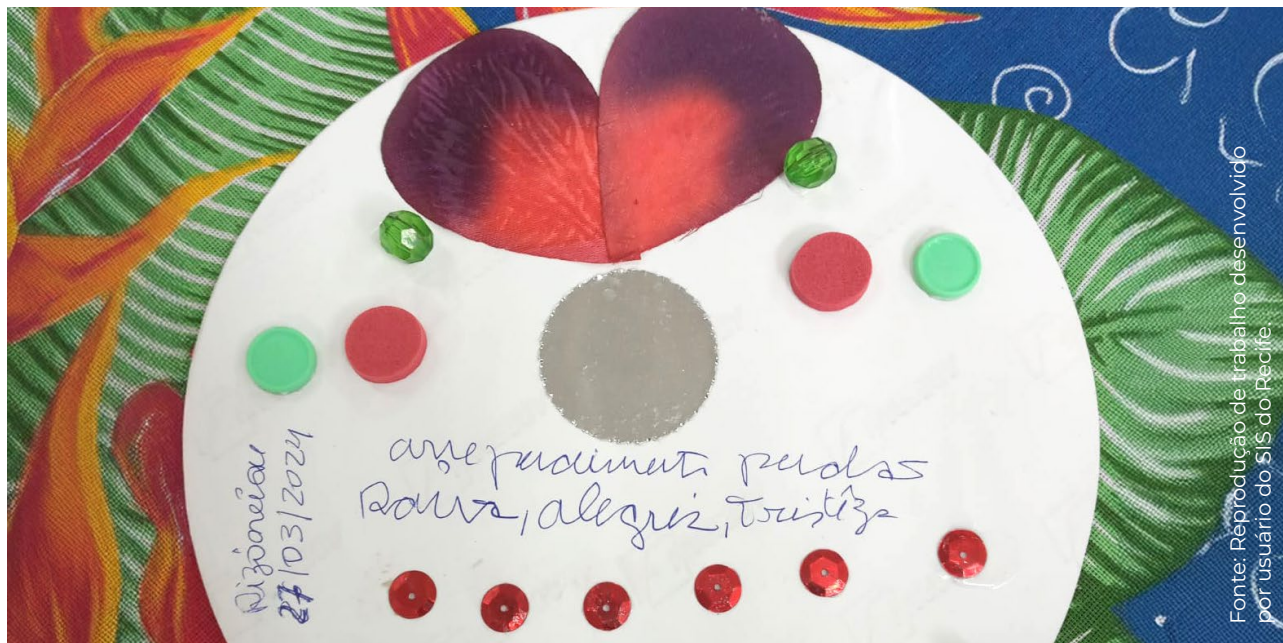
Trazemos ainda novidades sobre parcerias que vão ampliar a missão do Observatório e fazer avançar no campo dos saberes em saúde de comunidades tradicionais. Boa leitura!



# ÍNDICE

- 5 **EXPERIÊNCIA**  
| Arte, movimento e outras práticas para cuidar da mente  
| Saúde e Bem-Viver avança com formação de tutores
- 14 **CIÊNCIA**  
| Pesquisa do ObservaPICS integra Museu Nacional da Fitoterapia
- 18 **FORMAÇÃO**  
| Inquérito nacional sobre profissionais de enfermagem com formação e prática em PICS gera observatório
- 19 **INTEGRANDO SABERES**  
| Estudo sobre medicina tradicional africana no Brasil

# Arte, movimento e outras práticas para cuidar da mente



**D**urante o primeiro ano da pandemia de Covid-19, cerca de 65% dos brasileiros ouvidos em pesquisa nacional realizada numa parceria do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (Icict/Fiocruz), ObservaPICS e da Faculdade de Medicina de Petrópolis (FPS/Unifase) afirmaram usar alguma Prática Integrativa ou Complementar em Saúde (Pics) para aliviar o mal-estar físico ou emocional. Estresse, ansiedade e tristeza eram comuns na época pelas perdas, medo de morrer e pelo confinamento. As plantas medicinais, geralmente na forma de chá calmante, e a meditação prevaleceram entre as opções. Na rotina normal, fora da pandemia, o cuidado integrativo tem ajudado a promover saúde, prevenindo e aliviando o sofrimento mental.

No Serviço Integrado de Saúde (SIS) do Recife, da rede municipal, a psicóloga Simone Brito constata efeitos positivos em usuários de diversos perfis que praticam, na unidade, modalidades como arteterapia, biodança, bioenergética, dança circular, yoga, meditação, tai chi chuan, Terapia Comunitária Integrativa (TCI), auriculoterapia, acupuntura e psicomotricidade

relacional. Ela observa “melhoria de diversos sofrimentos através do autoconhecimento e expansão da consciência de si mesmo”, promovida por essas práticas. Segundo Simone, “sair do olhar da doença e centrar nas potencialidades de cada pessoa” são propriedades desse cuidado integrativo vivenciado por aqueles que também fazem o tratamento convencional para seu adoecimento.

No SIS, Simone acompanha usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) com esquizofrenia, depressão e ideias suicidas, com transtornos de

bipolaridade e traumas de violências sexuais e domésticas, assim como outros que sofrem com insônia, mal de Alzheimer e fibromialgia. Os com transtornos mentais são encaminhados de Centros de Atenção Psicossocial (Caps) e de Unidades da Estratégia Saúde da Família. No SIS, a psicóloga adota arteterapia para atendimentos em grupo, “trabalhando as emoções e sentimentos sempre através da criação de imagens do inconsciente” e acompanha, com a terapeuta de yoga e meditação Heliane Garcia, o grupo de mulheres Ciranda das Sábias.

O SIS é um dos centros especializados em Pícs do SUS no Recife. Funciona no Engenho do Meio, Zona Oeste da cidade, numa parceria da Secretaria Municipal de Saúde com a Universidade Federal de Pernambuco. Lá são atendidos usuários de quatro dos oito distritos sanitários do município.

No Distrito Federal (DF), o artista plástico Antônio Edilson, que também é técnico em enfermagem, relata experiências em Centros de Atenção Psicossocial e Especializado em Práticas Integrativas. “Os grupos de yoga e de automassagem eram geralmente formados com os pacientes em quadro depressivo ou de ansiedade, mas havia usuários com outros perfis, pois os grupos eram abertos e qualquer pessoa da comunidade podia se incluir”.



Prática de yoga em serviço especializado em Pícs no Recife/  
Foto: Bruno Leite/ObservaPíCS.

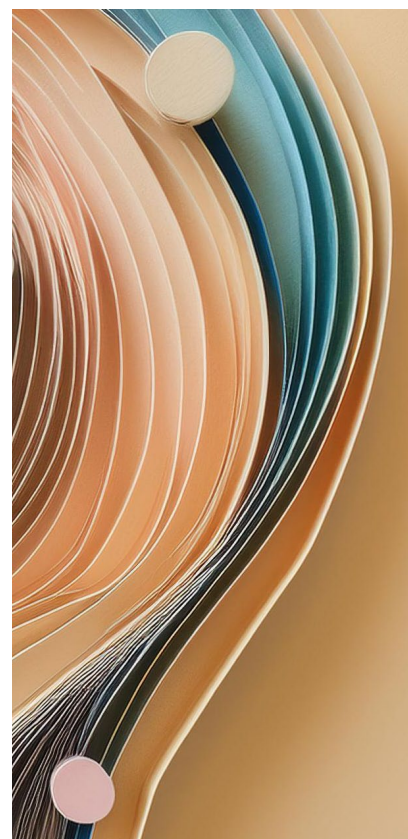
## Evidências para orientar APS

Em *Guia de auriculoterapia para depressão baseado em evidências* (<https://auriculoterapiasus.ufsc.br/recomendacoes/depressao/>) os autores mostram, com base em revisão de literatura científica recente, “estudos controlados randomizados que indicaram ser a auriculoterapia uma técnica viável e eficaz no manejo da depressão, podendo ser recomendada o seu uso na Atenção Primária do SUS”. Foi publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2023, num projeto de capacitação de profissionais da APS em parceria com o Ministério da Saúde.

Dentre os estudos citados, eles destacam um que comparou os efeitos da prática em idosos com demência e outro cujo foco era o tratamento da depressão. Nos dois casos são apontadas melhoras significativas. De acordo com os autores do guia, “os psicofármacos são geralmente usados como a primeira escolha para o tratamento de depressão, porém, esses medicamentos apresentam efeitos colaterais significativos”. Na população idosa, prosseguem, onde há maior incidência de depressão, os efeitos

adversos podem incluir, arritmias cardíacas, ideação suicida e maior risco de quedas.

Síntese de evidências produzida pelo Ministério da Saúde em parceria com pesquisadores da Fiocruz e de outras universidades, também aponta resultados positivos de diferentes Pícs para transtornos alimentares e insônia. Entre as práticas mencionadas estão as da Medicina Tradicional Chinesa, como automassagem, acupuntura e auriculoterapia, além de meditação, yoga e fitoterapia.





## Princípios da Medicina Tradicional Chinesa

Com longa experiência em práticas integrativas na rede SUS do Distrito Federal, o médico Marcos Freire Jr, especialista em Medicina Tradicional Chinesa, explica que a modalidade reúne uma série de práticas baseadas na filosofia taoísta, dentre elas a acupuntura, exercícios de energia, automassagem, processos alimentares e vários usos.

“Essas práticas, quando realizadas sob a racionalidade taoísta, visam colocar a pessoa em um estado que experimenta a unidade”, diz. Segundo Freire, a ferramenta mais poderosa da MTC seja a de experimentar a união com a vida do planeta e do universo. “Na concepção taoísta, toda a vida está dirigida nessas duas direções, para a terra e para o céu. E enquanto estamos vivos, temos essas duas condições, a condição imaterial e a condição material”, explica.

De acordo com ele, os seres humanos, a partir de suas faculdades mentais, têm a possibilidade de fazer divisões nessa vida. Buscar a unidade seria a intenção proposta por essa filosofia. As práticas da medicina chinesa, nesse sentido, trazem benefícios para a mente, para as emoções e também para a vitalidade. “Insônia e ansiedade são sintomas de que há um desequilíbrio

nessa relação do corpo com a mente, onde o corpo encontra-se enfraquecido e a mente encontra-se em excesso”, refere.

Com técnicas muito simples ao alcance de todo mundo e com efeito imediato, afirma o médico, “podemos alterar a ansiedade, a insônia, podemos tonificar nossa vitalidade porque na verdade o que a gente vai fazer é unir a mente, a intenção, o controle, a espiritualidade, a escolha da gente, com um fenômeno corporal”. Assim, completa, ao prestar atenção no corpo, a pessoa une exatamente a mente com o corpo. “O tratamento para todos os males, dentro da medicina chinesa, é promover essa união de mente e corpo”. A respiração e os exercícios são um caminho para isso e com um efeito imediato de transformação, ensina.

“Seria conveniente, antes de tomarmos o ansiolítico para ansiedade e insônia, que nós nos tratássemos de forma mais simples, mais econômica, menos invasiva, com procedimentos da medicina tradicional chinesa ou de outras medicinas tradicionais, mais simples, menos elaboradas”, defende Marcos Freire.





Fonte: Paulo Amarante/ Divulgação.

## Excesso de medicação e a mercantilização do sofrimento

No artigo *É hora de mais práticas holísticas em saúde mental*, publicado em junho deste ano na revista científica *PLOS Mental Health*, o pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) e psiquiatra Paulo Amarante (foto acima), o neurocientista Sidarta Ribeiro e a psicóloga Ana Pimentel, entre outros, fizeram uma crítica do modelo hegemônico dominante na psiquiatria, que reduz cada vez mais a compreensão dos fenômenos psíquicos comportamentais a distúrbios neuroquímicos.

“Cada vez mais a psiquiatria vai se apropriando da ideia da depressão, do fracasso, da tristeza, para uma ideia de que isso é um transtorno, sem considerar questões conjunturais, culturais, históricas, o aumento da noção de individualismo, da competitividade, da perda de laços sociais, da perda de reconhecimento no sentido filosófico do reconhecimento, do visto como sujeito, como sujeito de direito, como alguém que constrói coletivamente a sociedade”, afirma Amarante em entrevista ao Boletim Evidências.

Para o pesquisador, vivemos o hiperliberalismo autodestrutivo. “Não tem limite, destrói a natureza, os espaços coletivos, as associações, as entidades, os sindicatos, os partidos, gestando cada vez mais o sujeito com a sensação de que ele está sozinho”. Ao mesmo tempo, observa, “preconiza-se a ideia do

empreendedorismo, que na verdade é uma forma de dizer que as pessoas estão perdendo o poder, estão perdendo força da sua ação coletiva”. Isso tudo, segundo ele, vem acarretando situações de estrutura social e de conflito. “Evidentemente, produz mal-estar e situações de sofrimento coletivo. A psiquiatria se apropria disso, captura isso como sendo um processo individual e mais do que isso, como um distúrbio neuroquímico”.

Com esse paradigma, avalia Amarante, “a psiquiatria vai perdendo a sua capacidade de historicizar, contextualizar, de entender a experiência psíquica como um processo social, histórico, cultural, que muda de acordo com os locais

do planeta, as culturas, com as épocas etc”. Representaria, na opinião de Amarante, “a perda da capacidade da psiquiatria de pensar complexamente, a partir da contribuição das ciências sociais e humanas da filosofia, dos próprios saberes tradicionais, por exemplo, dos povos originários, que têm uma racionalidade, uma cosmovisão da experiência humana diversa, mas que tem efeito, tem efeito enquanto religião, enquanto princípio de ancestralidade etc”.

É uma crítica à psiquiatria que perde o seu diálogo, a capacidade de complexidade para reduzir-se a uma explicação etiológica absolutamente reducionista, mecanicista, organizacionista. “Inclusive os biólogos não gostam quando se fala em psiquiatria biológica, criticam essa visão, pois a biologia não estaria sendo pensada como uma das ciências que, criou o campo da complexidade, da multifatorialidade, da simultaneidade de processos de variáveis.”

Paulo Amarante defende que a psiquiatria deveria aproximar-se mais dos outros saberes, das outras compreensões e, inclusive, então, incorporar outras formas de tratamento. “Há uma pesquisa clássica, considerada a maior pesquisa sobre antidepressivos no mundo, e também a mais cara, envolvendo mais de qua-

tro mil pessoas trabalhando diretamente, revisando toda a literatura que foi produzida sobre depressão, coordenada pelo professor Irving Kirsech, que esteve aqui na Fiocruz, entre nós, no seminário de droga psiquiátrica, no segundo seminário de 2018. Especialista no estudo sobre depressão, o pesquisador norte americano destaca-se por estudos sobre o efeito placebo. “Ele verifica que os antidepressivos de última geração, os mais modernos, e, consequentemente, também os mais caros, não têm efeito terapêutico superior aos antidepressivos mais tradicionais. E que de uma maneira geral os antidepressivos não provaram superioridade clínica terapêutica em relação a outros métodos de tratamento, como, por exemplo, as psicoterapias, terapias orientais, yoga, meditação transcendental, terapias integrativas, outras formas de cuidado”, explica Paulo Amarante.

Segundo ele, na pesquisa conduzida por Kirsech, fica demonstrado o efeito placebo do cuidado e que os outros métodos de tratamento para situações ditas de depressão, incluindo atividade física e cultural, são tão eficazes quanto os medicamentos, com a vantagem de que não têm os efeitos colaterais adversos, que hoje são comprovadamente graves.



Amarante menciona que os antidepressivos produzem dependência química muito séria, havendo a necessidade de aumentar a dose para que se obtenha o mesmo efeito. “Situações de síndrome de abstinência e a retirada das substâncias psicoativas hoje é um dos problemas mais graves da medicina. Já foi criado o Instituto Internacional para a Retirada das Drogas Psiquiátricas, com pessoas do mundo inteiro, sendo o Kirsech um dos fundadores e eu, talvez, o único brasileiro a fazer parte”.

O artigo, diz, “dá um ponto de crítica à psiquiatria pelo seu reducionismo no modelo de explicação do sofrimento psíquico, a perda da historicidade, da experiência do sujeito, da contextualização, a perda do diálogo com outras áreas do conhecimento”. De acordo com ele, a psiquiatria sempre teve uma aproximação com a filosofia, a fenomenologia, antropologia, sociologia, história, as artes e a cultura, de uma maneira geral, e com os saberes tradicionais do senso comum. “Então, é uma perda importante, e isso, evidentemente, o que está por trás disso, é uma mercantilização do sofrimento humano, uma medicalização, patologização da experiência humana sendo transformada em doença, totalmente em doença, a doença da hegemonia do modelo psiquiátrico tradicional considerado um transtorno bioquímico, o tratamento seria bioquímico. Essa é a grande questão.”

“Os profissionais aprendem a prescrever medicamentos e depois não sabem tirar”, aponta Paulo, referindo-se à dificuldade de acompanhamento dos efeitos desses remédios e da dependência que muitos deles causam no paciente. “O que estamos propondo é uma abordagem mais complexa, no sentido filosófico do termo, polissêmica e holística da experiência humana”, conclui.



# Saúde e Bem-Viver avança com formação de tutores nos estados



O projeto Saúde e Bem-Viver: Cuidado integral para a saúde mental entrou em uma nova etapa após a oficina realizada com coordenadores pedagógicos e de articulação territorial em agosto e a seleção de tutores já concluída em cinco (AC, GO, MA, MS, PR) dos dez estados participantes na primeira oferta, até a primeira quinzena de outubro. Ao mesmo tempo que teve início a seleção dos estudantes, o ObservaPICS, coordenador do projeto, e as secretarias estaduais de saúde preparam a formação de 60 horas dos tutores, que ocorrerá em duas etapas. A primeira, com 20 horas, será conduzida pelo Observatório. A segunda, com as demais 40 horas, pelas secretarias em parceria com as áreas técnicas dos estados.

A formação inicial utilizará o ambiente virtual de aprendizagem (AVA)/Moodle da EAD da Fiocruz Pernambuco, parceira no projeto. Serão atividades síncronas (ao vivo) no Webinar Compreendendo Formas de Autocuidado e Saúde Mental, e assíncronas, organizadas em atividades nas quais serão apresentadas reflexões, proposições e materiais (vídeos, spots, textos), visando inspirar e potencializar a prática do bem viver nos territórios.

A primeira turma de tutores a ser capacitada pelo ObservaPICS, de 29 a 31 de outubro, reunirá 42 profissionais do Acre, Goiás, Mato Grosso do Sul e do Maranhão. De 11 a 14 de no-

vembro serão os tutores do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os da Paraíba, Piauí e Amazonas fazem a instrução com o Observatório de 25 a 29 de novembro. A formação dos tutores pelos estados ocorrerá em períodos a serem estabelecidos por cada uma das escolas de saúde pública. No Acre, por exemplo, onde 20 dos 22 municípios aderiram ao projeto, o treinamento será nos dias 7 e 8 de novembro, presencialmente, na capital Rio Branco.

Estrutura do curso, saúde mental e autocuidado, viver em equipe, metodologias ativas e o Arco de Manguerez, conceito de bem viver no território e modelos de cuidado em saúde são os temas a serem trabalhados com os tutores, nas 60 horas, de acordo com a estrutura curricular definida pela coordenação pedagógica do Saúde e Bem-Viver. “A metodologia problematizadora, utilizada no curso, promove a articulação das experiências no território”, explica a coordenadora do ObservaPICS e pesquisadora da Fiocruz

Pernambuco, Islândia Carvalho. “A perspectiva é valorizar as experiências e ações do território, articulando conhecimentos práticos e evidências científicas para resolver os problemas identificados pelos profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS)”, detalha.

A escolha dos estudantes do curso, outra etapa já em andamento em alguns estados, foi realizada em articulação entre escolas e secretaria estadual de saúde, tendo sido discutido nas comissões intergestores bipartite de cada estado por realizar seleção. No Maranhão, os tutores foram definidos a partir de um projeto anterior que visa fortalecer a planificação da Atenção Primária à Saúde no estado e, conseqüentemente, os estudantes foram selecionados a partir de articulação com os gestores municipais que apoiaram o projeto. Participam profissionais de saúde da APS que atuam nas chamadas unidades laboratório, ou seja, aquelas onde são testadas novas metodologias que possam ser expandidas para outras regiões do estado.

Também cabe às secretarias definir os critérios de distribuição das vagas. No Paraná, a disposição das 300 vagas é proporcional ao quantitativo de município com até 70 mil habitantes por macrorregião de saúde e de acordo com os dois critérios: número de equipes da Estratégia de Saúde da Família (ESF) maior ou igual a três e 100% de cobertura, conforme os dados do e-Gestor AB.

O conteúdo a ser trabalhado com os estudantes foi validado com os estados na Oficina de Formação de Coordenadores Pedagógicos e de Articulação Territorial realizado de 20 a 22 de agosto, no Hotel Canarius, no Cabo de Santo Agostinho (Região Metropolitana do Recife). Todo o material que será utilizado passou por um processo de curadoria que envolveu a equipe técnica do Projeto Saúde e Bem Viver, coordenadores pedagógicos e de articulação territorial e referências técnicas em Pics que se voluntariaram a participar desse trabalho. No dia 30 de outubro ocorrerá a live de lançamento do curso.

A proposta do curso Saúde e Bem-Viver, destinada a integrantes de equipes multiprofissionais (eMulti) e da ESF, é identificar e avaliar experiências de promoção da saúde mental com Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics), assim como buscar soluções para as dificuldades encontradas nos territórios promovendo estratégias de avaliação e autocuidado dos participantes.





## Produto de pesquisa do ObservaPICS vai compor Museu Nacional da Fitoterapia

O mapeamento dos serviços de fitoterapia em municípios brasileiros, realizado pelo ObservaPICS entre 2020 e 2021, vai compor um acervo nacional que está sendo montado no Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. O doutor em saúde pública, colaborador do Observatório e um dos autores da pesquisa, Pedro Carlessi, explica nesta entrevista qual o objetivo desse repositório, como ele está sendo montado e qual a importância de se preservar a memória acerca da temática. Carlessi é um dos responsáveis também por esse novo projeto.

**EVIDÊNCIAS - Em que estágio está a montagem do acervo da fitoterapia?**

**PEDRO CARLESSI** - A criação do acervo museológico da fitoterapia pública brasileira integra um trabalho já em andamento pelo Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz, da Faculdade de Medicina da USP. O museu atualmente administra mais de 250 coleções temáticas relacionadas à institucionalização das práticas de saúde no Brasil. O acervo em formação irá, então, compor esse conjunto de coleções temáticas por meio das memórias

*documentadas de pessoas, instituições, associações e municípios envolvidos com a institucionalização da fitoterapia na saúde pública brasileira. O projeto não conta com financiamento direto. Os arquivos têm sido recebidos pelo museu em forma de doação espontânea por parte de seus detentores. Também a equipe de pesquisa, neste momento, trabalha sem orçamento dedicado. Além do meu trabalho na coordenação do acervo, tem sido da maior ajuda a contribuição do farmacêutico Nilton Luz, coordenador da Farmácia Viva do Riacho Fundo (DF),*

que hoje nos ajuda na compilação dos acervos pessoais que integrarão o museu. Pela equipe do museu, além da curadoria do professor André Mota, historiador dedicado às ciências e saúde no Brasil, o historiador Gustavo Tarelou tem nos dado apoio técnico nos modos de manejo desse material.



## EVIDÊNCIAS - Qual a importância desse museu?

**PEDRO CARLESSI** - O museu possui três atividades básicas: a pesquisa, o ensino e a extensão. Neste sentido, este acervo poderá ser visitado por pessoas interessadas no tema, do Brasil e do exterior, poderá servir como tema formador de futuros pesquisadores e, igualmente importante, servirá para as exposições permanentes e itinerantes que o museu deverá produzir nos próximos anos. Entre essas três finalidades do acervo, é importante destacar sua contribuição para a manutenção da memória e do patrimônio cultural do SUS, e estará à disposição para visitas e consultas a todos os interessados.

## EVIDÊNCIAS - Que tipos de documentos vão compor o acervo?

**PEDRO CARLESSI** - A coleção será formada por arquivos pessoais mantidos por pessoas implicadas com a institucionalização da fitoterapia no Brasil. Há uma diversidade grande de atores envolvidos com o tema: são fundamentalmente profissionais da atenção primária, mas também gestores, deputados, comunidades pastorais, associações de agricultores de plantas medicinais, entre outros. Os registros que estamos recebendo, todos eles em forma de doação, datam diferentes períodos: alguns anteriores ao SUS, outros mais recentes, mas que registram todos eles a ação coletiva da sociedade civil para ter suas pautas, propostas e projetos reconhecidos em forma de política pública. A trajetória da institucionalização da fitoterapia no Brasil é rica em experiências muito contextuais aos locais de onde se originaram. Contudo, essa diversidade é dificilmente percebida no campo da fitoterapia hoje praticada no SUS, que tende a pensar nessa diversidade mais pelas suas semelhanças do que pelas suas diferenças (embora, contrastivamente, resida justamente aí o aspecto mais transformador das propostas apresentadas). A



*intenção de reunir esses arquivos pessoais é, então, documentar o processo de institucionalização da fitoterapia no Brasil a partir das experiências das pessoas envolvidas, além de proporcionar um reencontro dessas pessoas umas com as outras, e entre elas e suas memórias, todas fundamentais para a construção do sanitarismo pré e pós SUS.*

**EVIDÊNCIAS - Qual a relação entre a pesquisa em parceria com o ObservaPICS e o projeto do acervo?**



**PEDRO CARLESSI** - *A pesquisa que realizei em parceria com o ObservaPICS foi fundamental para despertar o interesse museológico. Naquele momento, tivemos um contato intenso com trabalhadores e gestores de saúde de diferentes regiões do Brasil. Passada a pesquisa, muitas das pessoas entrevistadas seguiram em contato conosco, compartilhando as experiências mais recentes – como a troca de gestão nas prefeituras, a descontinuidade dos trabalhos realizados, ou, ao contrário, a*

*formação de novas equipes e a abertura de novos serviços. Nesse processo, sempre conversamos sobre o projeto inicialmente idealizado no município e suas transformações para ser implementado. Esse é um interesse fundamentalmente direcionado ao estudo de políticas públicas do qual me alinho, mas é também da maior importância para a pesquisa em história da saúde. Para isso, o trabalho realizado pelo Museu Histórico da Faculdade de Medicina da USP é de imensa competência. Além do apoio institucional para acolher permanentemente os arquivos doados para o acervo, o museu conta com uma equipe capacitada para a devida formação de arquivo, documentação e patrimonialização desse material.*

**EVIDÊNCIAS - Tem data de lançamento do acervo da fitoterapia?**

**PEDRO CARLESSI** - *O Museu existe desde a década de 1970. Foi inicialmente nomeado como Museu Histórico da Faculdade de Medicina, e em 1993 passou a se chamar Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz - FMUSP em homenagem a seu fundador, reconhecido médico e pesquisador da área de microbiologia e micologia médica. Já o acervo de “acervo museológico da fitoterapia pública brasileira”, que integrará as coleções temáticas do Museu, será oficializado entre o fim deste ano e o início de 2025. Há algumas atividades relacionadas com o lançamento. Em novembro será publicado o meu primeiro livro, chamado A institucionalização da fitoterapia pública brasileira. O livro será lançado pela editora Hucitec e conta com um caderno de fotos que registra parte da memória compartilhada comigo no decurso dos últimos cinco anos de pesquisa sobre esse tema. Em dezembro pretendemos finalizar o depósito desses registros no museu, somados a outros, que estão em fase de*



coleta. A partir de então o material será gradualmente patrimonializado e estará à disposição para consulta e visita. O acervo poderá ser consultado na íntegra de modo presencial. Todo material que dele fará parte estará disponível no site oficial do museu, disponível em [www.fm.usp.br/museu](http://www.fm.usp.br/museu).

**EVIDÊNCIAS - Como pesquisadores de todo o país podem colaborar?**

**PEDRO CARLESSI** - O arquivo está sendo formado pela doação espontânea de arquivos e coleções pessoais. Para isso, estamos contactando a rede de pessoas as quais já identificamos previamente em pesquisas anteriores, mas há ainda o desafio de ampliar essa rede. As pessoas interessadas em contribuir podem entrar em contato direto com o museu: [museu.historico@fm.usp.br](mailto:museu.historico@fm.usp.br).

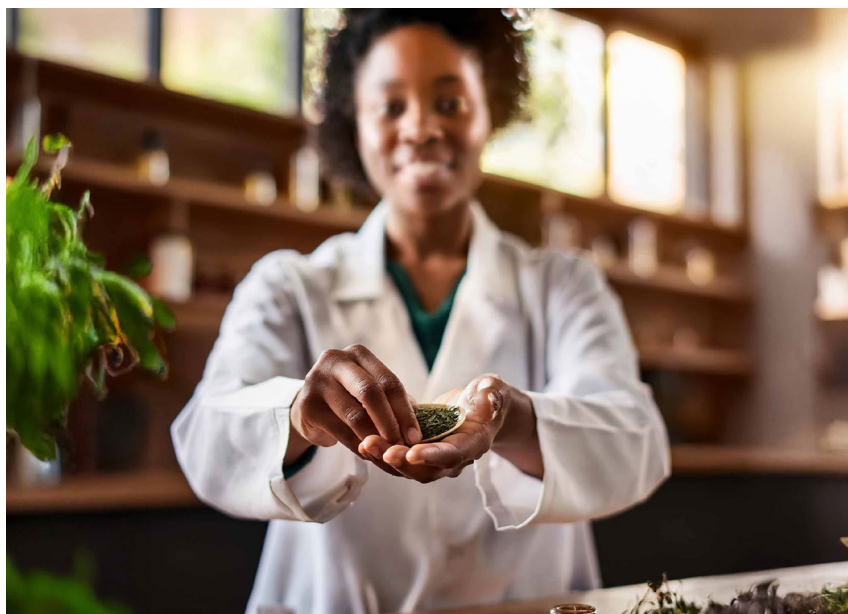
**EVIDÊNCIAS - Detentores de Saberes tradicionais como indígenas, raizeiros ou representantes de comunidades tradicionais do povo negro ou de origem africana também podem colaborar?**

**PEDRO CARLESSI** - Sim, absolutamente. Inclusive, o acervo se dedica à documentação não só dos projetos que foram efetivamente institucionalizados, mas também as propostas que procuraram reconhecimento sem necessariamente resultar em institucionalidade. Temos registros importantes nesse sentido, expressos por associações indígenas, mas seria fundamental ampliar essa frente de trabalho com novos registros.

**EVIDÊNCIAS - O que se pensa em fazer sobre esses povos especificamente? A Oralidade é a forma principal de comunicação dos povos indígenas. Pensa em algum acervo audiovisual?**

**PEDRO CARLESSI** - Nessa fase do trabalho, que é inicial, estamos concentrados em arquivos documentais. O trabalho audiovisual exigiria uma equipe de pesquisa e orçamento o qual a pesquisa ainda não dispõe.





## Inquérito nacional sobre profissionais de enfermagem com formação e prática em Pics gera observatório

Um hotsite com georreferenciamento de enfermeiras com formação e experiência em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde ([www.ufrgs.br/localizaenfpics](http://www.ufrgs.br/localizaenfpics)) nas diferentes regiões do Brasil acaba de ser lançado. Esse observatório é parte da divulgação dos resultados da pesquisa Estudo Brasileiro: Inquérito Nacional Sobre o Perfil Educacional e Profissional de Enfermeiros (as) de Saúde Integrativa e Práticas Tradicionais – Enfpic, financiado pelo CNPq e coordenado pela professora Daniela Dalegrave, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

“Quando o estudo foi proposto, não tínhamos ideia de quantas enfermeiras de práticas integrativas havia no Brasil, nem qual era o seu perfil de formação e atuação profissional. O Observatório de Enfermeiras de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde ([www.ufrgs.br/localizaenfpics](http://www.ufrgs.br/localizaenfpics)), assim como os demais produtos da pesquisa, visa suprir essa lacuna de conhecimento”, explica Daniela.

No site do observatório, completa a pesquisadora, “é possível visualizar em quais locais do Brasil temos enfermeiras

com formação e atuação nessas práticas. Para as profissionais, é uma oportunidade de divulgação do trabalho desenvolvido, bem como os modos de contato e redes sociais.”

Segundo a professora da UFRGS, no hotsite os profissionais com formação em Pics, podem se cadastrar para apresentação de suas formações, bem como local de atuação e modos de contato. Aos gestores, promotores de políticas públicas, instituições associativas, conselhos profissionais, pacientes e demais interessados, a plataforma permite filtrar as informações por área de especialidade e local, para fins de localizar as enfermeiras que atuam com Pics no Brasil.

Responderam ao estudo 1154 pessoas com diploma de graduação em enfermagem. Dessas, 502 declararam ter formação em práticas integrativas. “No SUS, grande parte da oferta de Pics é realizada por enfermeiras da atenção básica. Algumas vezes as práticas ficam restritas a grupos com condições de acessar essas práticas, por saber, por exemplo, onde encontrar os serviços”, explica Daniela.



Foto: Divulgação.

## Parceria do Observatório com Fonsanpotma estuda medicina tradicional africana no Brasil

Em parceria com o Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana (Fonsanpotma), o ObservaPICS está iniciando o projeto *Medicina Tradicional Africana pela Saúde Coletiva e a Soberania dos Povos Tradicionais de Matriz Africana: uma atividade de imersão no território tradicional*. A proposta é documentar as práticas de cuidado em saúde nos territórios reconhecidos pelo fórum como espaços guardiões de saberes africanos. Elementos culturais da comunidade, sistema alimentar e formas de promover saúde são considerados.

“É um projeto que reterritorializa essa medicina tradicional africana que sempre foi aplicada, praticada por esses povos nas diásporas. A parceria com uma organização nacional de importância como a Fiocruz e a busca de conhecimento da nossa medicina tradicional pela Organização Mundial da Saúde (OMS) são fundamentais para uma reparação aos povos que foram sequestrados e escravizados”, afirma a médica e professora Regina Barros Goulart Nogueira, que se identifica como Kota Molanji, uma das coordenadoras de ancestralidade do Fonsanpotma e articuladora no trabalho conjunto com o Obser-

vaPICS. O fórum identificou comunidades tradicionais em 40 municípios brasileiros de 14 unidades da federação.

O colaborador do ObservaPICS Rafael Dall Alba, doutor em saúde coletiva, explica que os Povos Tradicionais de Matriz Africana (Potma) se reconhecem como resistência no Brasil. Segundo ele, “os coletivos são formados por brasileiros que se caracterizam pela manutenção de um contínuo civilizatório africano, constituindo territórios próprios marcados pela vivência comunitária, pelo acolhimento e pela prestação de serviços sociais e de atenção à saúde”.

O pesquisador destaca que a parceria, estabelecida entre o fórum, que é um dos representantes dessas comunidades, e o Observatório da Fiocruz, promove as Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI), alinhando-se à estratégia da OMS. “São cruciais incluir e respeitar as tecnologias de cuidado dos povos tradicionais de matriz africana, reconhecendo seu valor inestimável e contribuindo para um sistema de saúde mais inclusivo e equitativo no Brasil,” justifica Dall Alba.

De acordo com Kota Molanji, os povos tradicionais de matriz africana vinculados ao fórum comungam, em comunidade, valores africanos de matrizes bantos (bantus), jejes e iorubás (yorubas), preservando saberes ancestrais dos que foram escravizados no período colonial. “São pessoas que estão unificadas por uma língua, uma língua própria, por sistema alimentar próprio, que entendem a natureza como divindade, que têm respeito incondicional aos mais velhos, compromisso com o mais novo”, detalha. No projeto em desenvolvimento com o ObservaPICS, de identificação e reterritorialização dos cuidados em saúde nas comunidades sociais africanas, Kota espera a adoção de uma metodologia de respeito, “que considere os saberes em igualdade, identificando práticas locais, regionais e nacionais”. Em sua página, na internet, o Fonsanpotma expõe informações sobre sua forma de atuação em defesa de políticas públicas.

**OBSERVATÓRIO** – “Com esse projeto, queremos promover a saúde coletiva e a soberania dos povos tradicionais de matriz africana por meio da identificação, documentação e disseminação das tecnologias de cuidado nas práticas de cura, promoção e prevenção

de saúde das medicinas tradicionais africanas”, explica Islândia Carvalho, coordenadora do ObservaPICS/Fiocruz e pesquisadora da Fiocruz Pernambuco. Segundo ela, a proposta em desenvolvimento com o fórum deve fortalecer a valorização de saberes ancestrais e, ao mesmo tempo, estabelecer parcerias colaborativas entre povos tradicionais de matriz africana no Brasil e na África.

Desde sua criação, em 2018, o ObservaPICS tem por foco as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics) e os saberes tradicionais em articulação com o SUS, mas até então centrados na experiência de povos indígenas. “Esse olhar agora ampliado, para as comunidades autodeclaradas da tradição africana, que vivem em territórios próprios e compartilham modos de vida, é mais uma etapa do trabalho do Observatório da Fiocruz”, completa. O projeto está sendo financiado por meio de emenda parlamentar.

**PREPARATÓRIA** – Previamente, o projeto *Medicina Tradicional Africana pela Saúde Coletiva e a Soberania dos Povos Tradicionais de Matriz Africana: uma atividade de imersão no território tradicional* consiste na construção conjunta das linhas de ação, a partir de visitas a comunidades de matriz africana. “Promovemos vivências para alinhamento estratégico teórico metodológico e territorial”, conta Dall Alba. O colaborador do ObservaPICS deixa nítido que a ideia “é possibilitar aos pesquisadores experimentarem a vida coletiva constituída numa unidade territorial tradicional de matriz africana”. Assim, justifica, “todas as ações podem ser vistas a partir das tecnologias sociais e coletivas dentro da cosmologia tradicional de matriz africana”.

Foram visitadas nessa fase prévia duas comunidades (foto/ObservaPICS). Uma delas foi a unidade territorial tradicional O Ilê Dan Orun Axé Opô Inlê, que tem como autoridade Iyá Alda Aparecida Ramos e está localizada em Paranoá (região administrativa do Distrito Federal). Representantes do ObservaPICS e do Fonsanpotma foram acolhidos pelo grupo e entrevistaram Iyá Alda, que declarou ter visitado Oió (Oyo, em iorubá), no Sudoeste da Nigéria, descreveu seu processo de reconhecimento como líder religiosa feminina (yalodê) e a vivência com os médicos tradicionais africanos.

O segundo território tradicional visitado foi Tumba Inzo A'na Nzambi, no município de Águas Lindas, em Goiás. A presença dos pesquisadores do ObservaPICS e do Fonsanpotma coincidiu com a comemoração dos 27 anos de iniciação da autoridade máxima desse lugar, Tata Ngunzeta, e com a exposição fotográfica de vivência em Angola, organizadas pela comunidade, prestigiada por representantes da Embaixada daquele país no Brasil e autoridades tradicionais. “Tais atividades foram essenciais para o embasamento do planejamento estratégico da pesquisa, para coesão do grupo de atores e pesquisadores, assim como para pensar em dispositivos metodológicos sensíveis para sistematizar a riqueza do contexto dos territórios tradicionais”, avalia Rafael Dall Alba.





@observapics



**OBSERVAPICS**

**Observatório Nacional de Saberes e  
Práticas Tradicionais, Integrativas e  
Complementares em Saúde**

